

MATERNIDADES, MATERNAGENS E EDUCAÇÃO: RIOS QUE SE CRUZAM EM UMA REVISÃO DE LITERATURA

Eixo Temático 17 – Gênero, Raça, Etnia e sexualidade na formação docente

Marilene dos Santos Queiroz ¹
Zuleide Paiva da Silva ²

RESUMO

Este estudo trata-se de uma Revisão Sistemática de Literatura, localizada no campo dos estudos feministas, um recorte de pesquisa em andamento no Mestrado Profissional em Educação e Diversidade- MPED UNEB/Campus XIV. Meu desejo consiste em mapear, especificamente no campo da educação, as produções científicas com foco nas maternidades e maternagens. A expectativa é ampliar e aguçar meu olhar de pesquisa e modos de pesquisar sobre/com maternidades e maternagens de estudantes mães negras. Neste sentido, questiono: como os estudos das maternidades e maternagens estão sendo abordados nas pesquisas de pós-graduação no Brasil, no Campo da Educação? Para tal, dialogo com Santos (2018), Brito (2016), Carvalho (2020), Rebouças (2017), Azevedo (2017), entre outras autoras.

Palavras-chave: Maternidades/maternagens. Educação. Revisão Sistemática de Literatura.

Introdução

Localizada no campo dos estudos feministas, esta Revisão Sistemática de Literatura é um exercício de pesquisa atravessado pelo compromisso político de apreciar e visibilizar produções acadêmicas produzidas por mulheres e mães pesquisadoras. Meu desejo consiste em mapear as produções científicas com foco nas maternidades e maternagens, especificamente, no campo da educação, na expectativa de ampliar e aguçar meu olhar de pesquisa e modos de pesquisar sobre/com maternidades e maternagens de estudantes mães negras.

Evidencio este exercício como uma das etapas essenciais no caminho do “fazer pesquisa”, na medida em que, possibilita atualizar os pressupostos teóricos metodológicos, observar as lacunas, conhecer outros modos de escrita e de produção de conhecimento em torno

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade – MPED, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia – FAPESB. mary-queiroz@hotmail.com

² Professora orientadora no Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade – MPED/UNEB, Doutora em Difusão do Conhecimento pela Universidade Federal da Bahia – UFBA. eidepaivasilva@gmail.com

da temática, na área. Para tais propósitos, teço o seguinte questionamento: como os estudos das maternidades e maternagens estão sendo abordados nas pesquisas de pós-graduação no Brasil, no campo da educação?

Para tal, me debruço sob o catálogo de Dissertações do Mestrado Profissional em Educação e Diversidade, da Universidade do Estado da Bahia MPED-UNEB e o Catálogo de Teses e Dissertações – CAPES. As pesquisas encontradas revelam a importância de se pensar nos corpos de mães que se fazem presentes no âmbito educacional, uma vez que, suas naturalizações levam a invisibilidades e discriminações.

Caminhos trilhados

Realizar esta revisão exigiu um primeiro movimento de conversa e aproximações com outras pesquisadoras, o que para mim, que estou começando a trilhar os caminhos do “fazer pesquisa”, foi fundamental.

Com alguns desejos de pesquisa reestruturados defino um recorte temporal de 10 anos, que corresponde de 2011 a 2021, selecionando enquanto descritores, em primeira instância, “maternidade”, “maternagem” e de maneira intencional amplio para “maternidade negra”, “maternidade lésbica”, “maternidade AND formação docente”, de modo que fosse considerado suas pluralidades.

Primeiramente, em 25 de novembro de 2021, fiz uma busca no catálogo de dissertações do MPED/UNEB, programa ao qual sou vinculada, objetivando dar corpo e sentido para a política de citação, partindo do programa que se faz presente no Território de Identidade do Sisal ao qual sou e estou situada. Nenhum registro foi encontrado, o que aponta para a novidade e relevância deste estudo que proponho realizar no programa, trazendo para a reflexão a desnaturalização deste “lugar”, apontando para entraves que reverberam em vida-formações e permanências de mães na universidade.

Em seguida me debruço sobre o Catálogo de Teses e Dissertações-CAPES onde utilizei os mesmos descritores com as seguintes refinações de resultados: ano de 2011 a 2021; grande área Conhecimento - Ciências Humanas; área de Conhecimento – Educação; e área de concentração – Educação.

O total de teses e dissertações encontradas com o descritor “maternidade” foi de 114 trabalhos, sendo 74 em mestrado e 33 em doutorado. Ao utilizar o mesmo descritor no plural “maternidades”, surgiram 04 trabalhos, 2 em mestrado e 2 em doutorado. Pensando para além da perspectiva do biológico utilizo o descritor “maternagem” e visualizo um contingente de 13 trabalhos, sendo 09 em mestrado e 04 em doutorado.

Após um primeiro mergulho em análise dos títulos, resumos e palavras-chave, sinto a necessidade de realizar algumas combinações e ampliar os descritores, na busca por outras perspectivas de pesquisas voltadas para este estudo. A combinação de descritores “maternidade AND formação docente” permitiu acesso a 34 trabalhos, 21 em mestrado e 8 em Doutorado. Com a combinação dos descritores “maternidade negra” e “maternidade lésbica”, usados em momentos distintos, encontro 09 trabalhos para cada. No entanto, são pesquisas que se concentram nas áreas de Psicologia, Sociologia, Antropologia e História Latino Americana, as quais, no momento não se enquadram aos recortes desta revisão.

A junção dos trabalhos encontrados, na área de educação, soma 166 pesquisas. 21 foram escolhidos ao debruçar sob título, resumo, palavras-chave, período, eliminando pesquisas repetidas e aquelas que mesmo surgindo a partir dos descritores referenciados evidenciavam outras abordagens a exemplo de educação infantil, creche, magistério e relações de gênero através das problematizações do “ser mulher”. Desse total, após uma leitura minuciosa, apenas 08 apresentam aproximações com minha pesquisa em andamento, as quais serão evidenciadas a seguir.

Rios que se cruzam

Ao adentrar no universo das oito pesquisas busquei uma conexão de sentidos que permitisse *percebersentir* os corpos das mulheres-mães que estavam inseridas nas tecituras dos estudos, compreendendo aquilo que para mim está sendo o grande desafio, conciliar maternidade – vida, formação e produção de conhecimento. E ao mesmo tempo sinto-me fortalecida por outras mulheres que problematizam estas realidades postas por uma cultura patriarcal, que nas nuances da intersecção se revela racista e LGBTfóbica.

Todos os trabalhos estão ligados a programas de educação. 07 das pesquisas se concentram em universidade públicas e 01 em privada. No que tange as regiões que se situam as instituições das autoras, 03 estão no Centro-Oeste, 03 no Sul e 02 no Nordeste. Ao analisar os 116 trabalhos, o quantitativo geral de pesquisas encontradas com os quatro descritores utilizados, foi possível identificar que a região Sul e Centro-Oeste detém a maior concentração de instituições vinculadas as autoras. Vale salientar que os menores quantitativos se concentram na região Nordeste e Norte. Haja vista que, as duas regiões são as que mais sofrem com a pobreza e que as mais renomadas universidades brasileiras se concentram na região Sul e centro-oeste, entende-se que, as produções de ciências e conhecimentos científico sofram influências em decorrência destes fatores.

Um dos fatores que afeta diretamente a produção de conhecimento científico, é a pobreza. As regiões que sofrem com a pobreza e a desigualdade social carece de investimentos e política públicas de acesso e permanência, aspecto que, com o desmonte da ciência no Brasil, tem prejudicado ainda mais os índices de produção científica.

Embora tenha se observado, nos últimos anos, o avanço de produções científicas femininas, desafiando o androcentrismo nas ciências, considero um baixo índice de produções em torno de temáticas que articulam gênero, raça e sexualidade, a exemplo de maternidades e maternagens no campo da educação. Considerando o descritor “maternidade” em um período de 10 anos, a primeira busca sem refinação de resultados apontou para 3.270 que se distribuíam em sua maioria nas áreas de medicina, enfermagem e psicologia. Sendo, o campo da educação com menor índice de produções.

Considero que a naturalização das maternidades e deste lugar de “mãe” na sociedade seja um dos principais motivos para esta disparidade entre as produções das áreas da saúde e as produções da área de educação. Ao naturalizarmos este lugar da maternidade, o silenciemos e deixamos de problematizá-lo enquanto questões coletivas que atravessam os ambientes educacionais.

No que tange a maternidade negra poucas pesquisas foram encontradas. Dentre as que se aproximam do meu estudo evidencio as pesquisas de Raíssa Canaúba (2019) intitulada, “Trajetória de adolescentes negras e mães: por outras Histórias, por outras Políticas Públicas” e a de Elis Santos (2018), “Hoje a cria não veio: mães adolescentes negras e projetos de vidas no contexto escolar”. As autoras assumem o recorte racial e se aproximam da minha pesquisa ao acionarem a interseccionalidade como potência para se pensar este lugar das maternidades. Elas lançam um olhar em torno das questões de gênero, raça, classe e geração, no entanto, o marcador de sexualidade e territorialidade não aparece.

Traçando um olhar minucioso das produções analisadas, não foi possível identificar a abordagem da maternidade lésbica, dado que não surpreende, considerando as revisões sistemáticas desenvolvidas por Gersier Ribeiro; Zuleide Silva (2020) e Jaqueline Santos; Silva (2021), que em conjunto apontam a carência de estudos sobre lésbicas, na ciência em geral, e na educação em particular.

As pesquisas analisadas se concentram em dois níveis de ensino na educação escolar brasileira: a educação básica e a educação superior. Três pesquisas se situam no âmbito da graduação e se aproximam do meu estudo ao estabelecerem um olhar para as mães no contexto da universidade: a pesquisa de Patrícia Brito (2016), intitulada “Índigena-mulher-mãe-universitária: o estar-sendo estudante na UFRGS”; o estudo de Katiúcia Pletiskaitz (2018), “A

maternidade na casa de estudantes da UFSM: desafios e conquistas das acadêmicas mães moradoras da CEU”; e o trabalho de Regiany Carvalho (2020), “Muro das palpitações: um manifesto de mães universitárias”.

As pesquisas trazem à tona a experiência de mães no ambiente universitário, a partir de perspectivas diferentes. Se conectam na luta por visibilidade, direitos e permanências. Minha conexão com estas pesquisas, possibilitou acesso a outros movimentos de mães e sobretudo aqueceu a sensação de não estarmos sozinhas, embora em territórios outros e com demandas plurais, nos conectamos pelas presenças destes corpos que problematizam os silenciamentos das maternidades.

Cinco destes estudos estão vinculados a educação Básica: o estudo de Dolneia Santos (2020) intitulado “maternidades juvenis: o que dizem alunas de uma escola pública de periferia”; a pesquisa de Jussiana Rebouças (2017), “Quem pariu Mateus que balance? Uma cartografia dos desejos maternais na adolescência CERG-São Felix-Ba”; a de Jaueline Azevedo (2017), “Da maternagem aos bancos escolares: desafios da permanência de mulheres/mães na EJA”; e as pesquisas de Canaúba (2019) e Santos (2018), mencionadas anteriormente.

A pesquisa de Canaúba (2019), trazendo a trajetória de mães negras adolescentes, foi a que mais se aproximou das conversas que venho propondo neste estudo. Através da abordagem feminista e antirracista, a autora estabelece um diálogo com a literatura decolonial e com feministas negras, evidenciando as intersecções de gênero, raça e geração. Me situando como pesquisadora do interior da Bahia e reconhecendo a importância da visibilidade de mulheres nordestinas na produção de ciência, evidencio duas pesquisadoras baianas, Rebouças (2017) e Santos (2018), vinculadas a Universidade do Estado da Bahia -UNEB e Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS, ambas trazendo a perspectiva das maternidades na adolescência no contexto da educação básica.

Vale salientar que, embora o recorte tenha uma abrangência de 10 anos, os trabalhos selecionados se concentram em cinco anos. São pesquisas recentes, o que aponta para um significativo aumento nas produções de mulheres refletindo as questões que circundam as maternidades e maternagens.

Abrindo caminhos

As pesquisas mencionadas revelam uma pluralidade presente nas maternidades, revelam outras identidades e constituições de si que se interseccionam com o “tornar-se mãe”. São pesquisas que demarcam corpos presentes nos mais diversos contextos educacionais, atravessados pela trajetividade formativa, permanência e desafios. Embora apresentem

especificidades se conectam nas implicações e problematizações do estudo com as maternidades e maternagens e sobretudo trazem à tona questões silenciadas. São escritas, em sua maioria, em primeira pessoa, revelando corpos situados e políticos importantes para o campo dos estudos feministas.

Poder sentir e mergulhar nas pesquisas foi significativo, visto que, possibilitou ampliar o olhar em torno do campo de estudo, auxiliando a pensar em critério e recortes para definição das interlocutoras, e a conhecer realidades e abordagens teórico-metodológicas outras.

Pode-se concluir com esta Revisão Sistemática da Literatura, que as pesquisas no campo das maternidades apresentam uma considerável aderência no âmbito da medicina, enfermagem e psicologia, no entanto, vão se restringindo quando caminhamos de forma mais específica para este estudo no campo da educação, principalmente se ampliarmos o olhar para a perspectiva interseccional de copos demarcados por um recorte de raça, sexualidade e territorialidade.

Nesta perspectiva e compreendendo o potencial da educação me ponho a pensar como educadoras mães em formação ao refletir e problematizar as maternidades podem produzir fissuras em uma sociedade eurocêntrica, patriarcal, sexista, racista e lgbtfóbica.

Referências

AZEVEDO, Jaqueline F. **Da maternidade aos bancos escolares: desafios da permanência de mulheres/mães na EJA.** 2017. 118f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Paranaíba, 2017.

BRITO, Patrícia O. **indígena-mulher-mãe-universitária o estar-sendo estudante na UFRGS.** 2016, 119 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

CARNAÚBA, Rayssa A. **Trajetórias de adolescentes negras e mães: por outras histórias, por outras políticas públicas.** 2019. 173 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) —Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

CARVALHO, Regiany A. **Muro das Palpitações: um manifesto de mães universitárias.** 2020, 50 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Pós-graduação em Educação, Uberlândia, 2020.

PLETISAITZ, Katiúcia. **A maternidade na casa de Estudantes da UFSM: desafios e conquistas das acadêmicas mães moradoras da CEU.** 2018, 133p. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Santa Maria – RS, 2018.

REBOUÇAS, Jussiana S. dos S. **Quem pariu Mateus que balance? Uma cartografia dos desejos maternais na adolescência CERG-São Félix/BA.** 2017, 146f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Feira de Santana – BA, 2017.

SANTOS, Dolnéia A. dos. **Maternidades juvenis:** o que dizem alunas de uma escola pública de periferia. 2020, 147 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Luterana do Brasil, Programa de Pós-Graduação em Educação, Canoas, 2020.

SANTOS, Elis S. dos. **Hoje a cria não veio:** Mães adolescentes negras e projetos de vida no contexto escolar. 2018, 155 p. Dissertação (Mestrado em Educação e Contemporaneidade) - Universidade do Estado da Bahia, 2018.

SANTOS, Gersier. R.; SILVA, Zuleide. P. **A Visibilidade da professora negra lésbica nas produções científicas:** uma revisão de literatura. IN: XXV EPEN – Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (ANPEd-Nordeste), 2020, Salvador, 2020.

SANTOS, Jaqueline; SILVA, Zuleide. (2021). Mapeamento dos estudos sobre lésbicas: um olhar para a produção escrita de professoras lésbicas. *Revista Multidisciplinar Do Núcleo De Pesquisa E Extensão (RevNUPE)*, 1(1), 2021.